

A Aventura Surrealista

Da explosão à extinção de um movimento (ou não)

Adelaide Ginga Tchen

Exmo. Senhor Vice-Reitor da Universidade do Minho, Prof. Doutor Vítor Aguiar e Silva / Exmo. Senhor Presidente do Conselho Cultural desta Universidade, Prof. Doutor Lúcio Craveiro da Silva / Exma. Senhora Presidente do Júri do Prémio de História Contemporânea, Prof.^a Doutora Maria Manuela Tavares Ribeiro / Minhas Senhoras e Meus Senhores.

Desejo, antes de mais, agradecer aos membros do júri do Prémio de História Contemporânea da Universidade do Minho do presente ano: Profs. Doutores José Viriato Eiras Capela, António Adriano Pires Ventura e Maria Manuela Tavares Ribeiro, por terem atribuído este prémio ao meu trabalho, retribuindo o esforço dispendido neste estudo, e, principalmente, por terem valorizado um tema da nossa história cultural.

Ao Prof. Doutor Vítor de Sá, que sei, por motivos de saúde, não tem podido comparecer a estas cerimónias, quero deixar uma saudação especial de reconhecimento e homenagem pelo seu percurso cultural e de humanista, verdadeira lição de coragem e sabedoria na defesa de ideais que legaram um importante contributo para a liberdade e dignificação do cidadão pensante.

A sua iniciativa de apoio ao estudo da História Contemporânea, apadrinhada pelo Conselho Cultural da Universidade do Minho, através da instituição de um prémio, traduz-se num precioso incentivo para os jovens historiadores que procuram desenvolver o entendimento de um passado recente, que é urgente conhecer, com vista a abolir lacunas numa memória em formação.

Foi neste sentido que surgiu este trabalho, com o objectivo de aprofundar um tema que, até então, tem sido valorizado no âmbito da história de arte ou da história literária, e não enquanto fenómeno integrante do panorama cultural português, mais especificamente da história cultural e das mentalidades do período do Estado Novo.

Parece-me cada vez mais importante o estudo das questões culturais na historiografia contemporânea, que, tendo em conta a sua interligação com contextos políticos, sociais, mesmo institucionais e económicos, ultrapassem a visão mais específica e técnica de uma análise tematizada no campo da arte, literatura, etc., avançando para investigações globais e aprofundadas de assuntos que, no seu conjunto de fenómenos históricos, possam dar a conhecer melhor o desenvolvimento e a evolução dos nossos passos e aquisições culturais, da estruturação da nossa mentalidade e do nosso pensamento.

Apresentação do trabalho

O trabalho que aqui apresento constitui a dissertação que defendi em Julho deste ano para a obtenção do grau de Mestre em História Contemporânea, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, sob orientação do Prof. Doutor Fernando Rosas, e intitula-se *A Aventura Surrealista, da explosão à extinção de um movimento (ou não)*.

O título escolhido procura demarcar o incontestável e genético carácter de aventura do Surrealismo, aplicando-o ao caso português, exaltando e afirmando essa mesma qualidade, em conjugação com uma interpretação complementar que assume a relatividade quanto à afirmação de um movimento em Portugal e que secundariza a importância conferida à utilização deste termo.

Este estudo sobre Surrealismo em Portugal surgiu do interesse e curiosidade que o mesmo sempre me suscitou, do fascínio face a um tema que, apresentando-se com contornos de aventura numa aparente vivência efémera, assume uma profusão que considero admirável, uma multiformidade situada muitas vezes entre a loucura e a genialidade, que na definição de André Breton é a «ausência de todo o controlo da razão e de toda a preocupação moral ou estética».

A recusa em acomodar-se a uma vida quotidiana medíocre, porque limitada em todos os sentidos, em aceitar uma sociedade esclerosada de valores burgueses, levou vários intelectuais a colocar em causa a vivência do dia a dia e a lutar pela aplicação do espírito – que se pretendeu colectiva – a um novo conceito de ser, dizer e fazer.

A valorização do indivíduo e da sua riqueza interior aliou-se a uma concepção revolucionária do homem e do mundo, que se traduziu numa autêntica revolução cultural. O Surrealismo permitiu o desenvolvimento dos conhecimentos e das capacidades intelectuais, por um lado, dando a conhecer melhor antepassados culturais até então praticamente ignorados, por outro, ultrapassando barreiras de costumes e regras julgadas intransponíveis e abrindo novos horizontes.

Neste sentido, o caso português torna-se ainda mais aliciante, já que se inscreve cronologicamente no período do Estado Novo. Isto porque o Surrealismo, ou o “ismo” surreal, sinónimo de automatismo, de aventura e, portanto, de liberdade, de explosão, floresceu e afirmou-se no nosso país, e em português, durante o Salazarismo, e como sabemos o “ismo” de Salazar correspondeu a um período de ditadura, de liberdade cerceada, de loucuras interditas, de contenção e de ordem.

Foi precisamente este aspecto, que me despertou para a necessidade de um trabalho em que procurei dar conta desta tentativa de surrealizar Portugal, sistematizando o pulsar aventuroso dessa acção, registando e interpretando os momentos que construíram o caminho percorrido. Um caminho de raiz intelectual, traçado no campo cultural e das mentalidades, e entrelaçado com o campo social e político.

Objectivos e metodologia

O objectivo não foi, por isso, estudar o surrealismo português à luz da produção artística ou literária, nem recensar a produção teórica existente, muito menos, focalizar um dos grupos surgidos. Aquilo a que me propus foi historiografar o movimento surrealista no seu conjunto, desde o seu aparecimento até à sua dissolução enquanto acção organizada, surpreendendo o diálogo histórico dos momentos mais marcantes. Assumindo a tarefa de auscultar o curso dessa aventura, como é que ela surgiu, por que é que surgiu, que dificuldades encontrou para se afirmar, com que contrariedades se debateu e que contributos trouxe ao campo cultural português.

Um estudo com ênfase nos seus protagonistas, no modo como estes se relacionaram entre si e com o exterior, nas suas interpretações individuais e conjuntas do surrealismo, na forma como se manifestaram, isto é, como se traduziram na prática. Dando igualmente relevo aos palcos de acção, às manifestações mais importantes e às reacções que suscitaram.

A metodologia e o quadro de análise escolhidos assentam num conjunto de fontes originais até agora pouco exploradas, algumas inéditas, com uma riqueza de conteúdo, a meu ver, incontornável, e visam um encadeamento dos factos e a procura de novos dados com vista a anular ou adelgaçar as clareiras temporais existentes e a fazer a ponte entre certos acontecimentos, explicitando os seus antecedentes e as suas consequências.

Uma opção metodológica que utilizou como fio condutor da narrativa esse núcleo documental que emanou, em síntese, da análise de panfletos, catálogos de exposições, comunicados e outros textos da autoria dos surrealistas, e em particular da correspondência trocada entre estes. Material, sempre que possível, confrontado com a reacção da crítica e cruzado com depoimentos orais.

Sem a estulta pretensão de esgotar o campo interpretativo, (aliás, como todo o labor na história), e evitando o enleio nos diversos e sedutores assuntos que a dimensão do tema propõe, a decisão recaiu, portanto, sobre um caminho possível no campo da história, num percurso temporalmente assumido entre 1947 e 1952 – balizas que correspondem, respectivamente, à explosão do

Surrealismo enquanto potencial movimento assumido de forma colectiva, e à extinção dessa movimentação em grupo e consequente luta pela afirmação de uma vivência surrealista, em termos mais individuais.

Estrutura do trabalho

O ensaio estrutura-se em três partes distintas que correspondem na apresentação adoptada a três capítulos, cada um com objectivos precisos.

No plano preliminar é traçado o quadro internacional da Ecloração e do Desenvolvimento do Movimento Surrealista que pretende, numa abordagem sumária, dar ao leitor as bases de entendimento do Surrealismo no seu contexto original. Sobretudo porque, se por um lado o Surrealismo em Portugal se afirmou como independente, não deixou todavia de assumir uma perfilhação francesa decorrente dos manifestos de André Breton e dos vários comunicados que definiram a postura do Grupo Surrealista Francês.

Por outro lado, os surrealistas portugueses realizaram viagens ao exterior e estabeleceram contacto com os seus congéneres de outros países, colaborando inclusive em projectos internacionais. Aspectos que se cruzam com o Surrealismo parisiense e internacional e que exigem a sua consideração.

Aliás, desde o primeiro momento, o surrealismo reuniu pessoas de diferentes nacionalidades, e ainda o movimento dava os seus primeiros passos no berço parisiense, já novos focos do espírito surrealista se acendiam para lá das fronteiras francesas. Daí ter-se procedido, também, a uma tentativa exploratória de sistematizar a difusão do Surrealismo em termos internacionais e a extensão que este atingiu no campo geográfico, dando a conhecer as diferentes formas de penetração e de manifestação assumidas, mas também a cronologia dessa mesma difusão, permitindo ter a noção do quanto tardia foi a sua entrada em Portugal.

Note-se que em 1924, data da formação do Grupo Surrealista Francês, vivia-se o pós-primeira guerra, e quando se constitui o primeiro grupo surrealista

português, em 1947, a realidade era já a do pós-segunda guerra e o surrealismo iniciava em termos internacionais a sua segunda fase de actividade.

Perante as condicionantes decorrentes desta entrada serôdia, pareceu-nos imprescindível, ao passar para uma segunda parte já dedicada à trajectória do Surrealismo em Portugal, explicitar a realidade político-cultural que impôs a Portugal esse atraso na partilha da vanguarda que mundialmente se afirmava.

Na verdade, desde meados da década de 20 até ao final da segunda Guerra Mundial que existem em Portugal registos sobre o surrealismo, porém, só na década de 40 se assinalam os esboços de uma aventura vanguardista que envolveria a maioria dos futuros surrealistas portugueses. Entretanto, sensivelmente entre 1945-1947, chegou a haver, por parte de alguns elementos, uma relação fugaz com o neo-realismo hegemónico, mas esta acabaria em ruptura e consequente ultrapassagem, quer por virtude de uma insatisfação e um desajuste ao nível de atitudes e posturas, quer de nova perspetivação face ao rumo ideológico.

A partir de 1947, deu-se então alento a uma viagem que afirmou um conturbado e efervescente movimento, protagonizado em dois grupos adversos, cujo aparente carácter efémero empolga o período constituído entre 1947 e 1952, sendo o ano central, 1949, o clímax da actividade.

Até 1947, data da cisão com o Neo-Realismo, as manifestas afinidades pictóricas ou literárias com o surrealismo, conscientemente mantidas nessa linha de atracção, apresentam-se como importantes prolegómenos surrealizantes, sendo 1947 o ano do despertar de uma novíssima geração de escritores e artistas que, ultrapassando meras influências, avançou com o desejo de afirmação conjunta e deu expressão ao surrealismo em Portugal.

Entre 47 e 49 dá-se a afirmação de uma postura independente no contexto cultural português com o Grupo Surrealista de Lisboa, e, no biénio seguinte, assiste-se ao protagonismo alcançado por Cesariny no palco do Surrealismo nacional com a ruptura criada pelo anti-grupo surgido em seu torno, que, face ao grupo anterior e em jeito de reclamada autenticidade, apelidaram-se simplesmente de Surrealistas.

E se 1949 foi o ano de clímax, isto é, de afirmação do surrealismo no contexto nacional, com a apresentação pública dos dois grupos, no ano de 1952 registam-se as tentativas derradeiras e infrutíferas de dar continuidade a um movimento que em termos internos se colocava em causa. Momento de reflexão e balanço em que a dispersão se efectivou, em certos casos com desalento de um projecto que, a partir de então, passava assumidamente da acção no colectivo para uma acção no individual.

Na terceira e última parte do trabalho, optou-se por distinguir três vertentes dessa aventura que a exaltam a nível social, cultural e político.

Destaca-se a Escola de Artes Decorativas António Arroio como espaço social que se projecta na história do surrealismo em Portugal enquanto berço fomentador dessa nova geração, a par do crucial espaço correlativo do Café Hermínius e da cruciante Escola Superior de Belas Artes. Primeiros passos de aventura no colectivo e de ruptura com o meio envolvente.

Abordam-se as várias exposições, num esmiuçar de envolvências e cunhos particulares, afim de dar uma visão conjunta sobre a dimensão e projecção daquelas que foram referências capitais da prática surrealista e que ganharam em Portugal uma dimensão privilegiada face a um movimento que teve curta duração, que se debateu com dificuldades e limitações de expressão e de actividade.

No inexplorado campo da política, a consulta aos processos da PIDE permitiu aflorar dados inéditos que desvendaram episódios individuais de uma actividade clandestina, de uma vivência marginal, trazendo novos dados na relação dos surrealistas com a oposição política e permitindo perceber que (não sendo todavia inimigos principais do regime, temidos ao ponto de poderem ser aniquilados), estes autores de manifestações subversivas contra a ordem e a segurança do Estado, foram também eles considerados como elementos perigosos e inimigos da nação.

Em Anexo, apresenta-se um conjunto de documentos pertinentes e dois ensaios de estudos sintetizados: um quadro que aflora dados biográficos dos Surrealistas numa perspectiva comparativa e uma extensa cronologia, tam-

bém ela comparativa, do Surrealismo nacional e internacional, a par dos factos políticos mais significantes. Empreendimentos que se pretenderam bastante exaustivos, mas que se apresentam com carácter de esboço numa atitude complementar.

Considerações finais

Em suma, a aventura surrealista agrupou em Portugal, num primeiro impulso, cerca de duas dezenas de intelectuais que, em conjunto, conscientes dos perigos, dificuldades e desafios existentes num regime ditatorial e sem apoio organizado na oposição, decidiram dar voz a um movimento revolucionário e libertário onde encontraram resposta a necessidades vivenciais. Porém, surgiram rupturas internas, quer no grupo inicial, quer no novo "anti-grupo", e a desunião dividiu a força.

Embora cerceado no seu campo de acção e defectivo no resultado imediato dos seus propósitos, o surrealismo em Portugal teve, entre grupo e anti-grupo, uma actividade que durante cerca de cinco anos, promoveu experiências, permitiu teorias e produziu frutos que, a longo prazo, revelaram a sua força e a eficácia dos resultados, da sua liberdade poética, deixando a cultura portuguesa mais rica, mais profusa, e com uma mentalidade mais aberta, mais acirrada na sua capacidade crítica e criativa.

O Surrealismo é, na verdade, sinónimo de "ruptura", de "revolta" e de "revolução".

Neste sentido, a essência da movimentação surrealista emergiu entre nós, por entre uma marginalidade imposta e uma postura marginal desejada, e, embora em 1952 se assista a uma dissolução da acção colectiva, essa dissolução transformou-se numa pulverização de tal forma incisiva no seu conteúdo e revolucionária na sua mensagem que consolidou historicamente a importância e o valor do surrealismo na cultura portuguesa.

